

COLEÇÃO OUTRAS – PALAVRAS
VOLUME 7

História natural das cidades

PEDRO PAULO PIMENTA

História natural das cidades

PEDRO PAULO PIMENTA

MUITAS “TURAS”

Em visita recente à Escola da Cidade, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha lembrou aos presentes que a arquitetura é um saber solicitante. Seu discurso evocava fortemente uma fórmula feliz, encontrada há certo tempo por Bernard Tschumi para exprimir semelhante ideia por meio de um jogo de palavras. “A arquitetura”, dissera Tschumi, “não a vejo como conhecimento da forma, mas sim como forma de conhecimento”¹. Uma forma de conhecimento do mundo que, por sua natureza, exige o recurso permanente a saberes e domínios que ingenuamente podemos tratar como “extra-arquitetônicos”, mas que, na verdade, não o são. O saber solicitante a que se refere Paulo Mendes é esse espinhoso terreno em que se concentram as mais delicadas sínteses. São sínteses tênues, mas inevitáveis para o exercício de uma profissão cujo escopo é o manejo do cotidiano em si, em suas formas mais complexas, isto é, coletivas e imaginárias.

Essa ideia, por mais contemporânea que seja, representa a afirmação pura e simples de alguns fundamentos filosóficos e epistemológicos, mais do que antigos, ancestrais. Vitruvius já tratava dessas solicitações

1. Tschumi, Bernard (2008). “L’architecture n’est pas une connaissance de la forme mais une forme de connaissance”, in: Lengereau, Éric (org). *Architecture et construction des savoirs*. Paris: Recherches, 2008, p. 212.

ao lembrar seus leitores – com o dedo vertical da norma culta – que a “ciência do arquiteto é ornada de vários saberes e muitas disciplinas”². Muito embora ancorasse o argumento numa apologia da razão prática – que a alta modernidade tratou de complicar –, Vitruvius enunciou e inseriu tais disciplinas num conjunto coerente de deveres formativos e cognitivos aos quais nos mantemos ligados. Isto é, parafraseando e tencionando o romano, sabe-se que o arquiteto hoje deve buscar e construir-se em uma quase infinidade de perspectivas, prestando inclusive atenção a chamados que não têm relação evidente de utilidade com a prática projetual, mas se revelam capazes de lhe garantir a decantação de uma consciência armada, aberta e alerta, permitindo-lhe interpretar forças enigmáticas e intrigantes tanto da natureza quanto da cultura. São saberes que permitem honrar o conselho vivo de Drummond aos jovens, num momento em que o mundo parecia debruçado sobre o abismo da tecnologia embestada: “Inventem olhos novos ou novas maneiras de olhar para merecerem o espetáculo novo de que estão participando”³. Como inventar esses olhos sem a franca disposição de reconhecer as limitações do estudo disciplinar ou departamentalizado?

2. Vitruvius (c. I a.C.). *Tratado de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 61.

3. Drummond de Andrade, Carlos (1944). “Prefácio para Confissões de Minas”. in: *Obra completa em um volume*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964, p. 506.

São questões desse tipo que esta iniciativa editorial procura enfrentar ou, no mínimo, tangenciar. As “outras palavras” às quais nos referimos são as múltiplas palavras que sempre tiveram espaço na Escola da Cidade, desde a sua fundação, preocupada que é essa escola com a sólida e ampla formação humanista de seus estudantes, professores e colaboradores. Noutras palavras, são também as outras “turas” de que fala Cortázar, na alta intensidade de seu fraseado dançante, no jogo tramado de seus cacós significativos:

A nossa verdade possível tem de ser invenção, ou seja, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas as turas deste mundo. Os valores, turas, a santidade, uma tura, a sociedade, uma tura, o amor, pura tura, a beleza, tura das turas.⁴

Juntar essas pontas é uma utopia? Esperamos que “turas” e leituras multipliquem-se no tempo, nas mãos e no pensamento de nossos leitores. Por isso, trazemos a público esses livros, essas reflexões recolhidas.

José Guilherme Pereira Leite

Professor da Escola da Cidade

Coordenador do Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea

4. Cortázar, Julio (1963). *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 443.

SUMÁRIO

- 04 A cidade elusiva
- 10 Modelos imaginários
- 14 História e destruição
- 24 Os museus e a história natural
- 29 Epílogo: uma utopia possível?
- 35 P.S.: outra história natural
- 38 Referências bibliográficas
- 40 Sobre o autor

SOBRE ESSAS PEDRAS,
EU LEIO OS SÉCULOS
UM POUCO COMO OS
FORASTEIROS NOS
CÍRCULOS DOS
TRONCOS CORTADOS
LÊM AS IDADES DAS
ÁRVORES

Henri Lefebvre (1969)

A CIDADE ELUSIVA

Sabemos que boa parte da literatura da Antiguidade perdeu-se ao longo dos séculos, restando apenas uma fração do que foi produzido por culturas extremamente vigorosas, nas quais os signos escritos (palavras, hieróglifos, sinais etc.), de início simples instrumentos técnico-administrativos, assumiram, a partir do século VIII a.C., um papel relevante nas mais diferentes esferas da vida cotidiana. Apesar da obliteração do legado literário greco-romano, temos uma boa amostragem no que se refere aos historiadores: um conjunto de textos que permite inferir com alguma segurança as características do gênero histórico, suas possibilidades estilísticas e seus imperativos morais.

Porém, são raras as descrições da organização física das poderosas cidades que protagonizam os eventos que esses autores notáveis narram e onde a maioria deles viveu. Omissão acompanhada por certo descaso pela descrição topográfica em geral, como atestam *Geografia*, do grego Estrabão (c. 63 a.C.-24 d.C.), uma obra mais atenta aos fatos que aos lugares; e *Viagem*, de seu compatriota Pausânias (c. 115-180), que é um catálogo etnográfico e não um guia turístico à maneira moderna. Os historiadores antigos não dedicam atenção às numerosas cidades do mundo mediterrâneo, que, em suas páginas, são meros suportes para ações, eventos e

costumes, algo impensável em uma obra moderna de narrativa histórica. Como falar da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, sem se referir às cidades obliteradas pelos bombardeios? Guernica, Londres, Varsóvia, Dresden, Hiroshima, Nagasaki, são, para nós, nomes de entidades dotadas de personalidade própria, formadas por populações culturalmente distintas, politicamente diferenciadas, que em nada lembram os conglomerados indiferentes cercados por muros que os generais antigos invadiam e, dependendo das circunstâncias ou do capricho, poupavam, submetendo à servidão, ou saqueavam e destruíam. Quase tudo que sabemos das cidades antigas vem de sua preservação parcial fortuita ao longo dos séculos e de escavações arqueológicas realizadas a partir do século XIX. Já a memória das cidades contemporâneas, que progridem, crescem e se transformam por meio da destruição do próprio passado, está registrada nas artes e na literatura.

A ideia de que uma cidade pode ser projetada no espaço neutro da geometria, cartografada, lida e interpretada, não é, portanto, natural. O caso de Roma, cidade das cidades, é um bom exemplo. Essa república situada à beira do Mediterrâneo nunca foi objeto, na Antiguidade, de urbanização planejada. As sucessivas melhorias, introduzidas nos primeiros séculos de sua existência, mas principalmente na época imperial a partir da ditadura de Júlio César, se deram à revelia do que

hoje chamaríamos de projeto de urbanização. Roma passou por grandes transformações desde sua fundação, no século V a.C., até sua destruição quase mil anos depois.

De aldeia, tornou-se a capital do mundo antigo, centro do poder político e da atividade comercial para o qual afluíram milhares de pessoas, oriundas de províncias europeias, africanas e asiáticas. As necessidades de seus habitantes se transformaram, e se muitas delas puderam ser acomodadas por meio de medidas de eficácia variável (a distribuição de água potável conta entre as maravilhas da engenharia romana; a coleta de lixo, não), a verdade é que uma série de mazelas que afligem seres humanos quando vivem próximos uns dos outros permaneceu sem solução.

Um Estado comercial, como observou Adam Smith em *A riqueza das nações* (1776), deve contar com uma força militar permanente para se defender da agressão de potências rivais. O caso de Roma ilustra essa máxima à perfeição. De início uma cidade-estado, logo se tornou uma república expansionista, adquirindo por fim os contornos de um vasto império, cujas fronteiras eram guardadas com zelo por legiões bem treinadas e destemidas. Além da cidade de Roma, havia muitos outros centros urbanos de importância, como Alexandria, Antioquia, Cartago, Éfeso e Marselha. Foi sobretudo em centros como esses que se fizeram sentir os efeitos das pestes, fenômeno particularmente devastador nas

Esse texto é fruto de palestra realizada pelo autor no Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea da Escola da Cidade em 14 de junho de 2017.

autor PEDRO PAULO PIMENTA
edição JOAQUIM TOLEDO JR
revisão LUCIANE HELENA GOMIDE
projeto gráfico TRÊS DESIGN
diagramação EDITORA ESCOLA DA CIDADE
agradecimentos JOSÉ GUILHERME PEREIRA LEITE

COLEÇÃO OUTRAS PALAVRAS
coordenação FABIO VALENTIM

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Rua General Jardim, 65 - Vila Buarque
01223-011 São Paulo SP
T +55 11 3258 8108
escoladacidade@escoladacidade.edu.br

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE
presidência ALVARO LUÍS PUNTONI, FERNANDO FELIPPE
VIÉGAS E MARTA MOREIRA

CONSELHO ESCOLA
diretoria CRISTIANE MUNIZ E MAIRA RIOS

CONSELHO CIENTÍFICO
diretoria ANÁLIA M. M. DE C. AMORIM E MARIANNA
BOGHOSIAN AL ASSAL

CONSELHO TÉCNICO
diretoria GUILHERME PAOLIELLO

CONSELHO HUMANIDADES
diretoria CIRO PIRONDI

CONSELHO SOCIAL
diretoria ANDERSON FABIANO FREITAS

EDITORA ESCOLA DA CIDADE
coordenação FABIO VALENTIM
MARINA RAGO MOREIRA, THAIS ALBUQUERQUE,
ALEXANDRE BASSANI E RICARDO KALIL

NÚCLEO DE DESIGN
coordenação CELSO LONGO E DANIEL TRENCH
DÉBORA FILIPPINI, BEATRIZ OLIVEIRA E GABRIEL DUTRA

MEIOS DIGITAIS E AUDIOVISUAL
coordenação ALEXANDRE BENOIT
coordenação baú CLARISSA MOHANY
FERNANDA TEIXEIRA, LUISA MARINHO E LÚMINA KIKUCHI



PEDRO PAULO PIMENTA

Libertada do registro da hierarquia retórica, a palavra escrita, ignorante das exigências da fala, dirige-se silenciosa ao silêncio da história, que graças a ela ganha um viço na imaginação. O naturalista é o grande poeta, e um de seus principais feitos é conferir à cidade o direito de ter uma história, tão natural, banal e grandiosa quanto a das espécies de animais que outrora fizeram das florestas o seu habitat.

editora

**escola
da cidade**